

Do Consolo ao Conhecimento

Milton R. Medran Moreira

Nada é tão poderoso no mundo como uma ideia cuja oportunidade chegou.

Victor Hugo.

O último livro de Allan Kardec estava pronto e seria lançado no mês seguinte. Em “A Gênese” (Paris 6/janeiro/1868), o fundador do espiritismo ensaiava uma síntese de toda sua vasta obra, objetivando precisar o verdadeiro caráter da doutrina espírita e sua conexão com o desenvolvimento da ciência e da filosofia, notadamente com os revolucionários princípios do progresso e da evolução, ícones do Século 19.

No dia 18 de dezembro de 1867, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o espírito São Luís, pelo médium Sr. Desliens, antecipando-se ao lançamento do livro, ditou a comunicação “Apreciação da obra sobre A Gênese” (R.E. fev/1868). Prenunciava o aparecimento do livro como o marco de uma nova fase do espiritismo. Até então, ele servira para satisfazer “as aspirações da alma”, enchendo “o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé”. A caridade, até ali fizera “o laço das almas ternas”. A partir de então, cabia ao espiritismo agregar ao “atributo de *consolador*”, o de “instrutor e diretor do espírito, em ciência, e em filosofia, como em moralidade”.

A síntese ciência/filosofia/moralidade, consolidada em “A Gênese”, preparava, no dizer do espírito, “as vias da fase que se abrirá mais tarde, porque cada coisa deve vir a seu tempo”. Claramente, como já o fizera algumas vezes o próprio Allan Kardec, São Luís pressupunha diferentes fases para o espiritismo. Primeiramente se direcionara aos carentes da fé na imortalidade, sequiosos de uma explicação plausível para as questões respondidas pela religião com a “fantasia” e o “mistério”. Agora, dirigia-se às “inteligências viris”, fazendo-se “traço de união” entre elas. Seria a consolidação da ciência da alma: o conhecimento trazendo nova visão sobre o universo e o ser humano.

Em 1984, quando a Federação Espírita Brasileira comemorava seu centenário, uma mensagem ali recebida e atribuída a Allan Kardec saudava a instituição pelas “vitórias parciais” até então alcançadas, e demonstrava certa preocupação ao afirmar que, embora “o movimento regenerador de almas” se mantivesse “de pé, em terras brasileiras”, a codificação espírita se mantinha “essencialmente desconhecida de tantos corações que se rotulam de espiritistas”. A mensagem tecia “louvor ante a grandiosa obra” empreendida “em nome da Caridade”. Mas advertia que a “recomendação inolvidável para as defensivas do movimento regenerador de almas é a INSTRUÇÃO” (assim mesmo, em letras maiúsculas, cfe. “Reformador, março 1984).

Vê-se, com clareza, que o mesmo teor da mensagem de São Luís é o do espírito identificado como Allan Kardec, 117 anos depois. Inegavelmente, decorrido tanto tempo, amplos setores do espiritismo ainda relutam em avançar para uma nova fase: a do conhecimento libertador. No Século 19, São Luís reconhecia que “cada coisa deve vir a seu tempo”. No século 20, Kardec se mostrava preocupado com a lenta transição.

Se é mesmo assim, cabe a pergunta: Que estarão esperando dos espíritas do Século 21 aquelas almas pioneiras?